

**UM OLHAR SOBRE O CAMPEONATO GAÚCHO DE FUTEBOL FEMININO ADULTO
ATRAVÉS DAS REPORTAGENS DA GAUCHA ZH**Martina Gonçalves Burch Costa¹**RESUMO**

O Futebol Feminino praticado no Brasil sofreu com ascensões e interrupções na sua trajetória histórica, diversas mulheres que tentaram se tornar jogadoras profissionais tiveram suas carreiras abreviadas pela falta de interesse e de incentivo dos clubes, federações e confederações. Através do fator CONMEBOL até o ano de 2019 diversos clubes "de camisa" formaram e irão formar equipes de futebol feminino no continente Sul Americano. Por meio destas mudanças, o cenário brasileiro de clubes e competições, está passando por constantes transformações e o que vem resultando em um maior número de clubes grandes participando dos campeonatos estaduais. Nosso objetivo através desta pesquisa foi analisar o campeonato gaúcho feminino adulto no ano de 2017, através das reportagens da Gaúcha ZH. Como um caminho metodológico nos apropriamos de recortes da revista eletrônica da Zero Hora do ano de 2017 para compreender a estruturação deste campeonato. Por meio deste levantamento, percebemos as disparidades entre os clubes de maior poder aquisitivo e os de menores, além da falta organização das instituições responsáveis pelo campeonato. Concluímos que além de uma questão de gênero, a falta de uma melhor profissionalização do futebol feminino, perpassa por uma questão política.

Palavras chave: Futebol Feminino. Questão Política. Campeonato Gaúcho.

ABSTRACT

A look at the Gaucho Women's Football Championship Adult through the reports of Gaucha ZH

Women's football practiced in Brazil suffered with ascensions and interruptions in its historical trajectory, several women who tried to become professional players had their careers shortened due to lack of interest and encouragement from clubs, federations and confederations. Through the CONMEBOL factor until the year 2019 several "shirt" clubs have formed and will form women's football teams on the South American continent. Through changes, the Brazilian scenario of clubs and competitions is undergoing constant transformations and what has resulted in a larger number of large clubs participating in state championships. Our objective, through the research, was evaluated by the gaucho adult female championship in 2017, through the reports of Gaucha ZH. As a methodological path, our cutting codes from the electronic magazine Zero Time of the year 2017 for a structuring of this championship. Through the survey, we perceive disparities between the clubs with higher purchasing power and those of minors, as well as the lack of organization of the insurance companies for the championship. We conclude that in addition to a gender issue, a lack of a better professionalization of women's football is a political issue.

Key words: Women's Football. Issues Political. Championship Gaucho.

1-Escola Superior de Educação Física, Universidade Federal de Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil.

E-mail do autor:
martina_gbc@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Este estudo pretende contribuir para um maior conhecimento do futebol feminino praticado no Brasil. Através de um recorte histórico do futebol feminino e das análises das manchetes da revista eletrônica GAUCHA ZH, pretendemos analisar como acontece o campeonato gaúcho adulto de futebol feminino no estado do Rio Grande do Sul.

Historicamente este esporte sofreu com períodos de ascensões e interrupções na sua trajetória. Diversas mulheres que tentaram se tornar jogadoras profissionais tiveram suas carreiras abreviadas pela falta de interesse e de incentivo dos clubes, federações e confederações.

Falar sobre o futebol feminino talvez seja algo muito debatido ultimamente, e frequentemente saia matérias em manchetes e jornais sobre as histórias de superação das possíveis ou futuras jogadoras profissionais de futebol feminino no Brasil. Mas, esse processo que acontece, podemos considerá-lo como uma espécie de resistência. Pois, as jogadoras se contrapõem as normas, a falta de apoios e ao amadorismo que é organizado no futebol feminino brasileiro atualmente.

MATERIAIS E MÉTODOS

Utilizaremos manchetes provenientes do campo midiático “[...] devido ao seu caráter multiplicador, de fundamental importância para construção da identidade social, na medida em que por um lado, instauram a possibilidade de novos discursos e, por outro, interferem na construção do nosso cotidiano e na forma como configuramos as relações sociais e a memória [...]” (Sgarbieri, 2006).

Identificamos na revista eletrônica Gaucha ZH um meio de recortarmos manchetes que falassem sobre o campeonato gaúcho de futebol feminino do estado do Rio Grande do Sul. Segundo alguns autores, a mídia é o locus principal onde é realizado o trabalho sobre as representações sociais, pois adquirem um status institucional que lhes autoriza a interpretar e produzir sentidos sobre o social que é aceito consensualmente pela sociedade (Ribeiro, 1996; Huyssen, 2000).

E através disso, selecionamos três manchetes que compõem essa revista eletrônica específica, para mostrarmos o que

está acontecendo no campeonato que é disputado no ano de 2017.

Através da utilização desses meios, temos o objetivo de apresentar os significados e os caminhos que equipes e jogadoras perpassam para estarem incluídas dentro da comunidade do futebol feminino jogado no Rio Grande do Sul.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A resistência com o futebol feminino não acontece somente nos dias atuais, essa luta para ter o direito de jogar futebol começou desde a década de 1920, mais precisamente na cidade de São Paulo.

O pontapé desse esporte no Brasil foi realizado nesta cidade, através do jogo entre Senhoritas Tremembenses contra Senhoritas Cantareirenses.

Eram equipes de bairros na cidade de São Paulo. Durante esta época o futebol era considerado esporte de elite no país, ou seja, ele servia como um passatempo. E, desta forma, esta partida nada mais representava do que uma simples exibição de algo que já acontecia no continente europeu.

Após esse pontapé inicial, alguns jogos começaram a se proliferar em solo brasileiro. Os jogos não ficaram limitados a elite, eles logo começaram a invadir os subúrbios das grandes cidades e com isto, foram fundados equipes populares. Na época, os clubes que estavam sendo fundados eram clubes de bairros, como o Primavera F.C, S.C.Brasileiro, Casino de Realengo (Moura, 2003). O futebol deixava de ser apenas um passatempo da elite, e começava a cair nas graças das classes mais populares.

Durante esta época de crescimento do futebol feminino no Brasil, a nação Brasileira estava passando por um momento de grandes transformações políticas. Saindo do Brasil República e entrando para o Estado Novo. O Estado Novo, primeiro Governo da era Getúlio Vargas, durou da década de 1930 até 1945. Foi um governo que gerou grandes avanços trabalhistas para a população e instituiu diversas leis. O país se encontrava num cenário em que muitas pessoas estavam saindo das zonas rurais e indo para as zonas urbanas atrás de empregos.

Diante deste cenário de constantes transformações da legislação da política brasileira, também existia uma grande

preocupação advindo especialmente da classe dos médicos, para que a saúde de homens e mulheres fosse a mais adequada possível.

Esse período ficou conhecido como política do higienismo. Esta política instituiu-se no interesse que os homens não adoecessem, e para isso eram dadas longas jornadas de trabalho nas indústrias, já as mulheres, era no intuito que tivessem filhos saudáveis.

Além da política do higienismo que estava vigente no país, o eugenismo também era influenciado. O plano para a nação do Brasil, além de buscar trabalhadores para as fábricas, era que a população se tornasse forte, saudável. Para isto, precisaria que a população não adoecesse e praticassem atividades físicas.

No entanto, durante este período ocorreu uma grande contradição com a mulher brasileira. Pois, posterior o futebol feminino cair nas graças da população durante a década de 1930 e início de 1940, diversos discursos principalmente dos especialistas em saúde da época, começaram a condenar a prática desta modalidade para as mulheres.

Para Ballaryni (1940, p.36), um especialista em saúde da época, ele denominava a palavra futebol como: “natural violência”, “exacerbador do espírito combativo”, “incompatíveis com o temperamento e o caráter feminino”.

Eram discursos ancorados em especialistas europeus que crucificavam a mulher praticando atividades físicas de contato, pois estas atividades poderiam gerar graves problemas fisiológicos para seus descendentes, o que seria considerado um “caos” naquela época. Porque é bom frisarmos que o papel atribuído a mulher durante este período era ser dona de casa e gerar filhos saudáveis.

Porém, existia uma contradição de pensamentos, entre aqueles que condenavam a atividade física para a mulher e outros que eram favoráveis, pois os “exercícios físicos estavam encarregados de dar aos corpos frágeis das mulheres, saúde para cumprir a ‘missão’ da maternidade e graciosidade, beleza para exercerem, a contento, seus papéis de esposa” (Sousa, 1994, p.28-29).

Segundo Franzini (2005), além dos médicos, a mídia também negava o futebol feminino, apoiados na compreensão de que se as mulheres entrassem neste contexto, perderiam a sua verdadeira função: ser

mulher, cuidar do lar, ser procriadora de filhos saudáveis.

Após diversos apelos da classe dos médicos tanto da Europa, como os médicos mais especializados em saúde esportiva do Brasil, o governo Vargas no ano de 1941 instituiu uma lei no qual não recomendava a prática de algumas atividades físicas para as mulheres, dentre elas, o futebol. “Não é permitida a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, pólo aquático, pólo, rúgbi, halterofilismo e baseball” (Castellani Filho, 1988, p.49).

Este decreto é realizado em 1941, porém ele só é instituído no ano de 1965. No entanto, mesmo ele não sendo instituído de fato, a mulher se tornava uma “corajosa” se tentasse jogar algo que os especialistas condenavam. A não recomendação de diversas atividades físicas para as mulheres até 1965, e depois a proibição, fez com que o sexo feminino sentisse um estranhamento de participar de atividades antes proibidas pela sociedade. E esse estranhamento resulta na construção de um pensamento em que o sexo feminino não deva ser presente dentro de espaços ditos “masculinizados”, como por exemplo, o futebol no Brasil.

Entretanto, mesmo com essa não recomendação, tivemos relatos de algumas iniciativas de equipes femininas que se sobrepuseram a essa não recomendação e tiveram a coragem de jogar partidas no país. São os casos de equipes da cidade de Pelotas/RS (Rigo e colaboradores, 2008) e a equipe da cidade de Araguari/MG (Cunha, 2011).

Após essa proibição o futebol feminino só seria aceito na sociedade em 1979, ou seja, enraizando quase 40 anos de uma história interrompida, onde sonhos e pertencimentos foram descartados.

O Futebol feminino nacional só foi ressurgir a partir da década de 1980. Onde clubes de bairros, clubes de praias e clubes de menor expressão foram sendo fundados. E foi através destes clubes, tendo destaque o Esporte Clube Radar, que o futebol feminino brasileiro tentou se reerguer.

O Esporte Clube Radar teve sua importância no cenário nacional, pois nunca perdeu uma Taça Brasil, o que seria referente ao título mais importante da época. Além de ter ganhado diversas partidas internacionais. Um dos momentos mais marcantes para o

Revista Brasileira de Futsal e Futebol

ISSN 1984-4956 *versão eletrônica*

Periódico do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Ensino em Fisiologia do Exercício

www.ibpex.com.br / www.rbff.com.br

Radar aconteceu no ano de 1988, pois o time serviu de base para representar a seleção brasileira no primeiro torneio mundial de futebol feminino realizado na China.

Durante toda a década de 1980, não havia uma seleção brasileira oficial, fato que fez com que o clube do Rio de Janeiro servisse de base para representar o país no campeonato. Com esta base de jogadoras da equipe do Radar e mais atletas do estado da Bahia e de São Paulo, o Brasil conquistou a medalha de bronze nesse mundialito (Souza Júnior, 2013).

Infelizmente como acontece com diversas equipes que não conseguem se sustentar, não tendo apoio de grandes empresas e as políticas para isto, esta equipe teve seu término no ano de 1990. Encerrando desta maneira uma grande história, talvez uma das mais importantes no período pós-proibitivo brasileiro, pois, foi através das jogadoras e deste clube, que o futebol feminino pode se reerguer.

Após o seu nascimento, algumas equipes também fizeram seus times femininos, no entanto, logo se desfizeram. São os casos do Guarani (Moura, 2003) e tantas outras equipes importantes no cenário do futebol masculino, que possuem uma grande massa de admiradores pelo país.

Estas equipes investiram por um determinado período, porém não tendo o retorno financeiro, não conseguiram sustentar seus projetos e tiveram que encerrar com o seu departamento de futebol feminino.

Um fator já está fazendo grandes equipes de futebol no Brasil voltarem a investir no futebol feminino é a medida adotada pela CONMEBOL (Confederação Sul-Americana de Futebol), que fez com que até o ano de 2019, todas as equipes masculinas que participam de suas competições (Sul-Americana e Libertadores da América), tenham seus departamentos femininos ou se associem a que as tenha. Se essas equipes não cumprirem essas determinações, não poderão participar dos campeonatos por ela realizados.

São medidas rígidas realizadas por essa entidade sul-americana, porém, elas podem trazer bons resultados futuros. Fazendo com que grandes equipes do cenário nacional voltem a investir no futebol feminino, e desta forma, se concretize em projetos em longo prazo.

O futebol feminino nacional durante muitos anos possuiu equipes que não tinham expressão no cenário masculino investindo na modalidade. Talvez, a presença de equipes já consolidadas no cenário masculino e que tenham grande número de torcedores, seja uma das formas de alavancar a modalidade, tornando-a mais rentável.

O que muitos especialistas consideram a grande limitação da modalidade, pois, o futebol feminino brasileiro atualmente não dá uma moeda de troca aos investidores. As jogadoras são vendidas a preço zero e são contratadas a custo zero. E desta forma, as equipes perdem suas jogadoras e não recebem nenhuma moeda de troca, gerando um “prejuízo” financeiro para a entidade.

Mesmo com o profissionalismo estando longe de ser ideal em solo sul-americano, o avanço com a modalidade já está ocorrendo em outros continentes. O futebol feminino está num nível mais elevado, um exemplo disto acontece na Europa. Neste continente diversas equipes tradicionais do cenário masculino já estão investindo na modalidade, como são os casos: Barcelona, Chelsea, Manchester City, Bayern Munique, PSG, Lyon, Wolfsburg, Atlético de Madrid.

Essas são algumas das iniciativas que estão acontecendo, e as respostas geradas para isto estão ocorrendo. Na Europa se organiza a UEFA Women's Champions League, considerada a competição mais importante de futebol feminino da Europa, já tendo uma boa organização e presença de grandes públicos nos estádios.

Talvez, a medida da CONMEBOL seja no intuito de fazer algo parecido com essa competição no continente sul-americano. Contudo, driblar os preconceitos gerados historicamente e conseguir o apoio necessário no nosso país, não será uma tarefa simples.

Para além da questão do gênero, o futebol feminino brasileiro enfrenta problemas na questão política. Onde não recebe recursos suficientes para ajudar a manter equipes do interior e custeios de arbitragens. Sendo assim, a dificuldade para se ter um campeonato regional é enorme, e isto depende do esforço de todos.

Além desta questão, que sim, foi e é um limitador no avanço da modalidade no Brasil, temos que falar sobre a questão política. Porque o avanço da modalidade depende disto. As equipes são dependentes

de Confederações, Federações e dirigentes que se empenhem em fazer algo pelo esporte. Até os dias atuais, poucas iniciativas ocorreram para mudar isto.

A realidade que encontramos hoje no Rio Grande do Sul, mais precisamente no campeonato Gaúcho de Futebol Feminino Adulto, é que Internacional e Grêmio têm capacidade de se hospedarem e suprir as necessidades mínimas de suas atletas, porém, e as outras equipes? Será que elas conseguirão arcar com suas viagens e custos para disputar o campeonato?

A Associação Gaúcha de Futebol Feminino é a entidade responsável pela organização do campeonato de futebol feminino no estado do Rio Grande do Sul, ela foi fundada no dia 28 de abril de 2010, com o objetivo de desenvolver o futebol feminino, zelando pelos interesses dos seus associados, bem como o aperfeiçoamento e a massificação da sua prática (AGFF, 2017).

Através da utilização da lei do incentivo ao esporte, esta entidade tenta viabilizar recursos para as equipes que dela fazem parte.

Hoje para as equipes participantes do campeonato realizado por esta entidade poderem se enfrentar, elas têm que pagarem uma taxa de arbitragem, custeio da viagem, alimentação e hospedagem (quando conseguem se hospedar). Os patrocínios são baixos e o apoio recebido é normalmente dos familiares das atletas que jogam nessas equipes.

A associação gaúcha de futebol feminino, entidade que realiza esse campeonato, garante a ajuda com 3 bolas para as equipes que nela fazem parte. O restante é tudo com as equipes participantes.

A realidade do Futebol Gaúcho Feminino beira o “caos”, são histórias de superação, resistência e amor ao esporte. O campeonato feminino adulto é composto por 11 equipes (Grêmio, João Emílio, Palestra, Rio Grande, Mundo Novo, Black Show, Oriente, Sapucaense, Santaritense, Internacional, Ijuí, Guarani/Lajeado e Estrela) (AGFF, 2017).

Destas, talvez 2 não enfrentem problemas financeiros, as restantes mal sabem se vão ter como participar do jogo seguinte no campeonato.

Segundo as análises das reportagens da GAUCHAZH (2017b), neste último final de semana a equipe do Grêmio Porto-Alegrense,

venceu o Palestra de Carazinho pelo placar de 9 a 0, tudo isso construído durante o primeiro tempo, pois a equipe do Palestra estava com apenas 7 jogadoras. Após 30 minutos de jogo, o Palestra ficou com 6, o que é considerado proibido pela regra do torneio, sendo assim, a partida encerrou-se.

Essa realidade encontrada pela equipe do Palestra da cidade de Carazinho, acontece com diversas outras equipes no estado que não sabem se irão conseguir jogar as próximas partidas. A equipe do João Emílio, que conta com uma receita mensal de 700 reais, utiliza esse valor para pagar a arbitragem. Como têm que realizar deslocamentos pelo estado, as jogadoras fazem pedágios no intuito de arrecadar mais dinheiro. Se elas não conseguirem esse dinheiro, não saberão se irão conseguir jogar o restante dos jogos (GAUCHAZH, 2017a).

Já a equipe do Guarani de Lajeado, realizou uma rifa em que a premiação era uma moto. Dessa forma conseguiu juntar R\$ 5 mil. Só que, em apenas uma viagem, já gastou metade desse valor (GAUCHAZH, 2017c).

E desta forma, as equipes com menor expressão vão sobrevivendo no futebol feminino gaúcho adulto. Através de pedágios, de ajudas, de patrocínios, e muitas vezes contando com um número restrito de jogadoras para disputar as partidas.

CONCLUSÃO

O Futebol Feminino no Brasil historicamente sofreu com ascensões, interrupções, lutas para a sua continuidade e visibilidade.

Porém, o que gostaríamos de frisar com este trabalho de análise histórica e de reportagens, é que muito mais do que somente uma questão de gênero, o futebol feminino nacional carece de políticas de incentivo. Sem o apoio de entidades federativas, confederações, não irão existir um campeonato para as possíveis atletas.

Não adianta haver o interesse de clubes grandes, também precisamos do apoio para clubes pequenos. Iniciativas como a da CONMEBOL, UEFA são caminhos para incentivar a prática, porém, se as federações não ajudarem e subsidiarem os gastos mínimos para equipes menores, infelizmente estas equipes grandes não terão adversários e

Revista Brasileira de Futsal e Futebol

ISSN 1984-4956 *versão eletrônica*

Periódico do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Ensino em Fisiologia do Exercício

www.ibpex.com.br / www.rbff.com.br

consequentemente, futuros jogos a serem disputados.

É preciso que se priorizem políticas para incentivar a prática de grandes clubes e de clubes de médio e pequeno porte. O futebol tem que ser um esporte com acessibilidade a todos, pois ele faz parte da nossa cultura, da nossa sociedade.

Espera-se que durante pouco tempo essas mudanças aconteçam, pois se não houver isto, irá continuar a precariedade e a desistências de tantas futuras atletas que sonham em serem Cristianes, Martas, Formigas, e tantas outras craques que o país já produziu.

REFERÊNCIAS

1-AGFF. 2017. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/rs/futebol/noticia/2017/01/ex-atletas-e-entusiastas-se-desdobram-para-manter-o-futebol-feminino-no-rs.html>>. Acesso em: 14 jan. 2017

2-Ballaryni, H. Por que a mulher não deve praticar o futebol. Revista Educação Physica. Vol. 49. p.52. 1940.

3-Castellani Filho, L. Educação física no Brasil: a história que não se conta. Campinas. Papirus, 1988.

4-Cunha, T. C. P. M. Araguari, berço do futebol feminino no Brasil. In: Portal de Araguari. Araguari, 9 outubro 2011. Disponível em: <<http://www.portaldearaguari.com.br/2008/10/primeiro-artigo-de-repercuo-nacional.html>>. Acesso em: 10/03/2017

5-Franzinl, F. Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. Revista Brasileira de História. Vol. 25. Núm. 50. p.315-328. 2005.

6-GAUCHAZH. Times femininos do Interior vivem de vaquinhas, rifas e até venda de trufas. 2017a. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/esportes/noticia/2017/10/times-femininos-do-interior-vivem-de-vaquinhas-rifas-e-ate-venda-de-trufas-cj8dldvj1009n01o7virn2it2.html>>. Acesso em: 08/10/2017

7-GAUCHAZH. Caravana da resistência a saga do futebol feminino no Rio Grande do

Sul. 2017b. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/esportes/noticia/2017/10/caravana-da-resistencia-a-saga-do-futebol-feminino-no-rio-grande-do-sul-cj8dl4umq00bf01qh7v64kb29.html>>. Acesso em: 14/10/2017

8-GAUCHAZH. Viagem na madrugada e dois jogos no mesmo dia a saga do esporte clube Ijuí. 2017c. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/esportes/noticia/2017/10/viagem-na-madrugada-e-dois-jogos-no-mesmo-dia-a-saga-do-esporte-clube-ijui-cj8dlklu3009t01o7h0nsr13o.html>>. Acesso em: 14/10/2017

9-Huysen, A. Seduzido pela memória – arquitetura, monumentos e mídia. Rio de Janeiro. Aeroplano. 2000.

10-Ribeiro, A. P. G. Fim do ano: tempo de recordar. In: Fausto Neto, A.; Pinto, M. J. (org.) O indivíduo e as mídias- ensaios sobre comunicação, política, arte e sociedade no mundo contemporâneo. Rio de Janeiro: Diadora/Compôs. 1996.

11-Moura, E. J. L. As relações entre lazer, futebol e gênero. Dissertação de Mestrado em Educação Física. Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação da Unicamp. Campinas. 2003.

12-Rigo, L. C.; e colaboradores. Notas acerca do futebol feminino pelotense em 1950: um estudo genealógico. Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Vol. 29. Núm. 3. p.173-188. 2008.

13-Sgarbieri, A. N. Representações do gênero feminino na mídia impressa. Estudos linguísticos. Vol. 35. p. 386-371. 2006.

14-Sousa, E. S. Meninos, à marcha! Meninas, à sombra! A história da Educação Física em Belo Horizonte (1897-1994). Tese de Doutorado em Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação da Unicamp. Campinas. 1994.

15-Souza Júnior, O. M. Futebol como projeto profissional de mulheres: interpretações da busca pela legitimidade. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas.

Revista Brasileira de Futsal e Futebol

ISSN 1984-4956 *versão eletrônica*

Periódico do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Ensino em Fisiologia do Exercício

www.ibpex.com.br / www.rbff.com.br

Faculdade de Educação Física. Campinas,
SP. 2013.

Recebido para publicação em 14/10/2017

Aceito em 13/11/2017